



CÍRCULOS RESTAURATIVOS EM FUNÇÃO DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NAS ESCOLAS

Linda Bela Izar¹
Camila Góes de Andrade²

RESUMO: Este presente artigo intitulado: Círculos Restaurativos em Função de Resoluções de Conflitos entre Crianças e Adolescentes, tem como escopo apresentar a Justiça Restaurativa em função de resoluções de conflitos entre crianças e adolescentes no convívio escolar se utilizando da prática Círculo de Restaurativos, que é uma modalidade de prática da JR. Abrangendo assim, a forma de como ela agi em situações caóticas, e como sendo o proceder dos círculos. Apresentaremos ao início uma abordagem sobre a Justiça Restaurativa em si, tendo como o seu surgimentos e ações e estabelecendo o enfoque principal; a importância dessa atuação que se dá na escola para com as crianças e adolescentes, responsabilizando assim, a função da escola, o papel social, comunitário e familiar em correlação à solução conflitante e a estruturação de crescimento com bases saudáveis para as crianças e os adolescentes. Fazendo um apontamento de violências existentes no meio estudantil, as implicações com as relações interdisciplinar, a exteriorização adivinha à família e comunidade e estendida a ambas de igual modo, e por fim, os resultados encontrados nas esferas elencadas depois de praticados os métodos oferecidos.

Palavras-chave: criança e adolescente; círculo restaurativos; escola.

ABSTRACT: This present article entitled Restorative Circles in Conflict Resolutions function among children and adolescents, is scoped to introduce restorative justice in terms of conflict resolution among children and adolescents in school life using the practice Circle Restorative, which is a mode of JR practice. Covering thus form as it acted in chaotic situations, and as the conduct of circles. Present to start a discussion of restorative justice itself, having as their appearances and actions and establishing the main focus; the importance of this activity that occurs at school to children and adolescents, so blaming the school function, social role, community and family in

1 Graduanda em Direito pela instituição faculdade Pitágoras São Luís, Maranhão. Membro do Núcleo de Pesquisa Científica de Justiça Restaurativa, com Bolsa integral PROUNI. E-mail: linda.bela.lbi@gmail.com

2 Graduanda em Direito pela Faculdade Pitágoras do Maranhão. Integrante do Grupo de Pesquisa Sistema Punitivo e Violência de Gênero: Ressignificando a Cidadania a partir da Justiça Restaurativa desenvolvida pelo Núcleo de estudos sobre Justiça Restaurativa – NEJUR. E-mail: camilagoes1990@gmail.com

correlation to the conflict solution and the growth structure with healthy bases paras children and adolescentes. Making a note of existing violence among students, the implications with the interdisciplinary relations, externalization guess the family and community and extended to both equally, and finally, the results found in the listed spheres after practiced the methods offered.

Keywords: children and adolescentes; restorative circle; school

1. INTRODUÇÃO

Tem como prisma esclarecer a justiça Restaurativa e seu desdobramento em suas práticas que servem de veículo para construção de um meio equilibrado, podendo a escola estabelecer as suas funções sociais sem intervenções de conflitos pertinentes a serem solucionados que desestruturam a orbita educacional.

Buscando averiguar, as razões conflitantes e de real procedência nas escolas em consonância aos motivos indiciados em família e sociedade, não limitando nem restringindo a atuação de resolução mediante os círculos Restaurativos na linha reta escola e aluno, mas abarcando, pais, representantes familiares ou toda a família e comunidade.

Caracterizando a existência de conflito e violência que se manifestam de forma crescente por motivos diversos ao envolver, estilo, cor, idade e as demais desigualdades que devem ser compreendidas de forma igualitária e os resultados obtidos em escolas que já se utiliza da Justiça Restaurativa.

2. CONCEITO DE JUSTIÇA RESTAURATIVA E ATUAÇÃO DE SUA METODOLOGIA

Muda-se os personagens e permanece a mesma história. A maioria dos conflitos existentes já foram vivenciados com todas as pessoas. Aprendermos a solucioná-los é o primeiro passo para uma vida equilibrada.

A Justiça Restaurativa é um globo baseado em valores, que testifica a qualidade da vítima, a reparação do dano, mais a perspectiva do ofensor que destrincha suas incumbências que para determinado fim foi promovido, de forma mais clara, na Justiça Restaurativa trata vítima e ofensor/agressor, não incumbindo punição e nem favorecimento, levando-os a solucionar a lide existente, atuante

somente com a anuência dos envolvidos partindo do princípio da Voluntariedade, princípio esse que para JR e suas Práticas é fundamental e indispensável. Quando possível reconstruindo relações rompidas ou construídos relações.

Nela encontramos a valorização de um futuro de paz, tendo como ponto de partida outros meios que buscam a paz e alcançam resultados aprazíveis e esquivando-se dos que tinha como argumentação a paz social entretanto em um grito de ensurdecadoras falhas e lacunas não obtém êxito, nem atinge à ressocialização. A Justiça restaurativa se vale dos meios que deram certo e se obstem dos que não condiz em nada com a solução do conflito. Pois muitas dizem estar em prol da reconstrução de valores, entretanto, não ampara a vítima nem garante proteção à sociedade, em sentido estrito, comunidade e do outro lado da moeda resta apenas punição.

Não será a Justiça Restaurativa que taxativamente irá solucionar o conflito, ela em si não tem o papel de demarcar o caminho para tal feito(Função Mediação), sua função consiste em auxiliar os conflitantes buscarem em si seus motivos e de divergências e como eles entendem que deva ser solucionado de forma justa estendendo não unicamente a um indivíduos, mas aos polos de empasse, ou seja, os envolvidos no conflitos serão os que irão chegar num consenso e estabelecerão a forma mais justa de se desfazer o empasse. Desenvolvendo uma teoria psicológica de alto análise e averiguação formando um novo conceito embalados em princípios e valores pessoais de cada indivíduo.

A Justiça Restaurativa não exclui nenhuma outra forma de controle e nem critica as forma existentes, mas complementa, não sendo uma justiça apenas de alternância, mas de complementação também. Sendo assim, o diferencial da Justiça Restaurativa.

Entende-se a importância da Justiça Retributiva, mas que suas metas de valorização humana estão sendo gravemente ferida é um fato que não é surpresa. Mas para um olhar Juvenil, preocupando-se com a geração presente e futuras, a ideia formulada de Justiça que se propõe é um exemplar, permitindo contexto existente de punição para delitos e criando o devido aparamento para os que envolvidos ao delito, o adolescente e a criança crescem e desenvolve um novo conceito de Justiça, mais humanística, solidária, justa, que em uma ideia surrealista espera-se um dia chegar à cidade ideal.“ Costumo dizer que Justiça Restaurativa é uma prática que está buscando o conceito”. (SOUSA, 2014)

Presente nos cinco continentes, desenvolvida há 30 anos, é um instrumento democrático, tem bases em práticas milenares indígenas, funciona igualmente em famílias, escolas, comunidade, tribunais e países, é promovida pela ONU, é um processo comunitário (não somente jurídico), utiliza a palavra 'justiça' para se referir a um valor e não a uma instituição, mostra-se eficaz apesar da idade dos participantes. As características citadas é o que induz a se falar da JR para crianças e adolescentes, e o núcleo de aglomeração mais veemente encontra-se em instituições educacionais.

“À Justiça Restaurativa é um processo pelo qual todas as parte ligadas a uma ofensa em particular, se reúnem para resolver coletivamente como lidar com as consequências da ofensa e suas implicações para o futuro” (MARSHALL,1996)

“Dentro da sociedade Maori na Nova Zelândia, devido à preocupação crescente sobre a forma pela qual as instituições tratavam seus jovens e as crianças, na medida em que eram retirados de seus lares, do contato com suas famílias e da própria comunidade, através das decisões do sistema de Justiça Juvenil, surgiu à época, após muitas exigências, um processo diferenciado, culturalmente adaptado, para os Maoris, e soluções às famílias sem recursos a possibilidade de cuidar de suas próprias crianças.” (PINHO,2009)

“Após a aprovação do Estatuto das Crianças em 1989, na Nova Zelândia, as famílias se inseriram no processo e garantiu conjuntamente a responsabilidade primária pelas decisões, aliando a outras formas de assistência. Tornou-se um processo aglutinador, visava incluir todos os envolvidos e os representantes dos órgãos estatais. Nesse ínterim, o papel da vítima ressurgiu participando das decisões, e juntos, como num grupo familiar, traçando objetivos da própria reparação da vítima e da reintegração à sociedade.” (PINHO,2009)

Em análise à Metodologia do programa CIDADES SUSTENTÁVEIS, Justiça Restaurativa para resolução de conflitos-RS, compreende-se que os Círculos Restaurativos fazendo parte das Práticas da JR funcionam como um encontro entre pessoas que se sujeitam a uma situação de violência ou conflito, com seus amigos, pessoas próximas, família, comunidade.

Este encontro é orientado por um facilitador(coordenador), que segue um roteiro pré-determinado, proporcionando um espaço seguro e protegido onde as pessoas podem abordar o problema e construir soluções para o futuro. Tendo como objetivos conectar as pessoas além dos rótulos de vítima, ofensor e testemunha; desenvolvendo ações construtivas que beneficiem a todos-Focar as necessidades determinantes e emergentes do conflito- Aproximar as co-responsabilizar todos os participantes, com um plano de ações que visa restaurar laços sociais, compensar danos e gerar compromissos futuros mais harmônicos.

Os Círculos de Paz ou de Construção de Paz também é uma prática, só que com características próprias e a JR se utiliza da melhor forma que encontra para cada situação, Círculo Restaurativos, Círculos de Paz, Círculos de Diálogos e outros inúmeros métodos que possam se adaptar melhor a condição para resolução de conflito.

Lembrando que trata-se principalmente da singularidade, embora os conflitos se coincide e outras realidades os métodos utilizados para cada resolução devem ser o mais adequado, pois nenhuma pessoa não é igual a outra. Tendo as conferências familiares e os círculos de Construção e o de Consenso também como uma prática.

“Conferências familiares -Esse processo é especialmente utilizado quando se deseja dar foco ao suporte que familiares, amigos e outros membros da comunidade podem oferecer ao ofensor, tanto no cumprimento de condutas acordadas com a vítima e com a comunidade, como na mudança de seu comportamento.” (ALMEIDA,2013)

“Círculo de Construção de Consenso-Inspirados em comunidades indígenas, esses círculos de conversa e de construção de consenso envolvem um número maior de pessoas.” (ALMEIDA, 2013)

JR é um processo comunitário, com base em encontros circulares, em que reúnem-se como iguais, envolvidos num conflito e membros da comunidade a qual pertencem, com a intenção de reparar danos causados, restaurar o senso de justiça e reintegrar todos no convívio, por meio de diálogo que empodere, aproxime e facilite ação que beneficie a todos.

“A Justiça Restaurativa procura equilibrar o atendimento às necessidades das e vítimas e da comunidade com a necessidade de reintegração do agressor À sociedade. Procura dar assistência à recuperação da vítima e permitir que todas as partes participem do processo de justiça de maneira produtiva” (KINGDOM,1998)

3. DESDOBRAMENTO DA JUSTIÇA RESTAURATIVA

A Justiça Restaurativa possui diversas formas de resolução de conflitos, entre elas estão os Círculos Restaurativos que acontecem de numa prática de três etapas, esse é um dos desdobramentos da Justiça Restaurativa, aplicado em inúmeras situações e de forma dinâmica, garantindo igualdade e voz a todos. Os Círculos Restaurativos se dá em três momentos.

O trabalho no Círculo Restaurativo é facilitado pelo coordenador, que procura fazer com que cada pessoa possa falar e ser ouvida, com respeito, esclarecendo suas dúvidas e anseios sobre o fato que iniciou o conflito, seguindo os passos previamente combinados no Pré-círculo.

Ao começar o Círculo Restaurativo, o coordenador deve criar seu próprio modo de colocar-se em conexão com suas forças internas – inteligência, intuição, empatia, sabedoria, espiritualidade – inspirando-se para o Círculo Restaurativo.

É necessário reservar um momento anterior ao acolhimento ou à instalação do Círculo Restaurativo para esse contato profundo consigo mesmo e para engajar-se no contexto em que vai atuar. O acolhimento, representado pelas saudações e pelos primeiros contatos, dá início, informalmente, à instalação do Círculo Restaurativo, e é uma hora decisiva na transição para a maior formalidade do encontro. Um acolhimento terno e respeitoso, dedicado a cada um dos participantes, ajuda a mudar o clima ruim e a fluir melhor o momento da instalação e os passos iniciais do Círculo Restaurativo.

Quando todos estiverem nos seus lugares, o coordenador declara a abertura dos trabalhos, agradece a presença de todos, transmite algumas palavras que inspirem admissão do passado, confiança no presente e esperança no futuro. A seguir, permite a auto apresentação de todos, explica os procedimentos que serão seguidos e o seu papel como coordenador. Também reitera o conteúdo do Termo de Consentimento e colhe eventual assinatura ainda não obtida, além de reforçar a importância da participação ativa de todos em todas as etapas seguintes.

O primeiro momento está voltado para as necessidades atuais dos participantes em relação ao fato ocorrido, e orientado para a compreensão mútua, entre os participantes, destas necessidades. O diálogo e a compreensão mútua vão fluir melhor, de um momento para o outro, à medida que todos os presentes tiverem a oportunidade de se expressar e sentirem-se satisfeitos por terem sido, verdadeiramente, escutados e compreendidos nas suas necessidades atuais em relação ao fato ocorrido e suas consequências. Usualmente, a primeira pessoa a se expressar ar é o receptor do fato, dando a oportunidade para que ele seja compreendido pelos demais e confirme esta compreensão. A mesma dinâmica acontece com os outros participantes.

A comunidade deve se manifestar ao final da compreensão mútua entre o autor e o receptor do fato. O segundo momento do Círculo Restaurativo está voltado

para as necessidades dos participantes ao tempo dos fatos, e orientado para a auto responsabilização dos presentes.

O diálogo e a auto responsabilização vão fluir melhor à medida que todos os presentes tiverem a oportunidade de se expressar e sentirem-se satisfeitos por terem sido, verdadeiramente, escutados e compreendidos sobre o que realmente estavam precisando no momento do fato. Em geral, a primeira pessoa a se expressar é o autor do fato, dando a oportunidade de que ele seja compreendido pelos demais e confirme esta compreensão.

A mesma dinâmica acontece com os outros participantes, tal como já ocorreu no primeiro momento. A comunidade deve se manifestar ao final da auto responsabilização do autor e do receptor do fato.

O terceiro momento do Círculo Restaurativo está voltado para as necessidades dos participantes a serem atendidas, e orientado para o acordo. O diálogo entre os presentes na formulação do acordo vai fluir melhor à medida que todos tiverem a oportunidade de se expressar e solicitar/ oferecer alternativas sobre o que deve ser feito para se sentirem atendidos em suas necessidades.

O momento do acordo permite aos presentes definir e propor ações concretas para transformarem seu conflito, firmando um compromisso com prazos claros e possíveis para a realização destas ações mediante a recapitulação das necessidades não atendidas manifestadas pelos participantes.

O termo de Acordo é redigido pelo coordenador e assinado pelos presentes, fazendo parte deste acordo a data, o horário e o local em que ocorrerá o encontro do Pós círculo.

O formulário Guia de Procedimentos Restaurativos, preenchido manualmente, passo a passo, ao longo do procedimento, deve ser completado, abrangendo todas as etapas até o presente momento. Os resultados do Círculo Restaurativo (notícia sobre sua realização, relatório de conteúdo e documentação do acordo) são comunicados pelo coordenador à pessoa responsável pelo encaminhamento do caso ao procedimento restaurativo.

4. ESCOLA E SUA FUNÇÃO SOCIAL

“A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. A frase é de um dos maiores pensadores da pedagogia do Brasil e do mundo, Paulo Freire, falecido em 1997.

É o dever do estado, das famílias e das escolas, o cuidado e zelo pela paz entre as pessoas e assumindo o seu papel e auxiliando em todas as esferas citadas e os círculos de paz como instrumento de meio para se obter o controle. Sendo a escola uma instituição formada por coordenadores, professores, secretários, e outros profissionais e o pilar do funcionamento sendo os alunos, sabe-se que não sendo o único dever da escola oferecer o ensino pedagógico educacional, somente estabelecendo o conhecimento didático, mas garantindo uma formação em parâmetros de justiça, igualdade, solidariedade, fraternidade. A escola é lugar apropriado para se construir conhecimento e compartilhar informações, o papel da escola na sociedade é um dos fatores mais importantes em relação à formação do caráter de um cidadão.

“É hora de aprender a ser, sendo; de aprender a conviver, convivendo; de educar, educando-se; de fazer o caminho, caminhando. Muito se espera, portanto, dos educadores, que encontram nesse processo grandes desafios dos quais certamente sairão bem mais enriquecidos do que ao nele entrarem” (MEIRELLES, 2014)

Como desde dos primeiros anos de vida as crianças já vão para as escolas, elas aprendem coisas fundamentais que levaram para toda sua vida, entre elas está: a importância das filas indianas e esperar a sua vez, a hora de brincar e a hora do lanche, a hora dos deveres como responsabilidades obrigatórias. Dessa forma a escola trabalha junto com as famílias na concretização de valores morais, sociais que se apresentam na formação infantil e se fortalece pela sua repetição no ensino para com os adolescentes.

Como o descrito acima, compreendemos a magnitude de potencial que possuem essa instituição, e que milhares de milhares já passaram e passam por ela, no meio de tantas pessoas com ideais, culturas, costumes diferentes existe uma proporcionalidade enorme de conflitos por conta de tamanhas diferenças, conflitos esses que já tido inúmeras vezes por várias pessoas pelos mesmos motivos.

“Benefícios da Justiça Restaurativa nas Escolas

- Em escolas seguras, onde há respeito mútuo e diálogo, todos podem aprender mais e melhor

- Formação de cidadãos responsáveis por suas escolhas.
- Crianças e adolescentes com direitos a serem considerados sujeitos ao-ECA.
- Evitar estigmatizações e exclusões, através do respeito às diferenças.
- Construção de uma comunidade capaz de identificar suas necessidades e empoderada para atendê-las.
- Uma comunidade escolar com recursos para cuidar da convivência entre os seus membros e entre a escola e demais instituições.
- Uma escola integrante e integrada a rede de atendimento às crianças e adolescentes.
- Uma escola que resolve parcialmente seus conflitos e dissemina a cultura da paz.”

Muda-se os personagens e permanece a mesma história. A maioria dos conflitos existentes já foram vivenciados por todas as pessoas, aprendermos a solucioná-los é o primeiro passo para uma vida equilibrada.

A importância da participação dos gestores e dos familiares na resolução de conflitos e na prevenção deles é fundamental e tarefa irmanada com as dos facilitadores nas práticas, pois, a corte tende quebrar do lado mais fraco, mas se com todas as áreas de relacionamento que a criança e ao adolescente possam ter, estiverem de comum acordo se torna mais certo a conquista de êxito.

A escola é pensada para que todos sejam iguais, a educação infantil obrigatória tem como objetivo gerar uma massa de pessoas obedientes e competitivas, a homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o gesto e atitude, nas salas de aula conhecemos nomes e rostos, mas não sabemos de onde vieram seus pais, como vivem, como se relacionam

5. MUDANÇAS COMPOTAMENTAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Tanto a criança como o adolescente forem gradativamente inúmeras mudanças

Os jovens tem que ter perspectivas e futuro e ao mesmo tempo de convivência educada com os adultos. Uma coisa é a ética que é a convivência educada baseada na moral e nos princípios e outra coisa denominada etiqueta, um pequena ética que se configuram nas relações do dia a dia envolvendo o respeito, o ceder, o compreender. E essas relações se firmam no convívio entre adultos mais as crianças e os adolescentes.

Entretendo, na constância das atividades as companhias dificilmente são a dos adultos e o adulto tem que se fazer presente no cotidiano dessas pessoas em transformação, isso acaba facilitando um pouco o afrouxamento das regras disciplinares

“Outro dia, um pai de aluno me perguntou: “qual o senhor acha que deve ser o papel da família para colaborar com a educação dos nossos filhos na escola?”. Eu disse a ele, com todo o respeito, que havia um equívoco na formulação da questão, porque não cabe à família colaborar com a escola na educação, mas exatamente o contrário, é a escola que colabora, a família é responsável. A escola assumiu muitas tarefas nos últimos 20 anos, especialmente a escola pública, porque ela é parte da rede de proteção social e, por isso, desempenha tarefas do Estado, entre elas a proteção à vida, segurança e liberdade dos indivíduos. Por isso, cabe sim à escola oferecer educação para o trânsito, ecológica, sexual e até alimentar. Mas não cabe ao Estado, via escola pública, substituir a responsabilidade que a família tem, a menos que ela esteja em situação de descuido total. Cabe à instituição promover a autonomia, a solidariedade e a formação crítica, mas a responsabilidade principal continua sendo da família e ela não pode se eximir disso”. (CORTELLA,)

Não cabendo à família despejar toda responsabilidade educacional na escola, mas andando de mãos dadas à essa instituição. A escola está subterrada de tarefas: educação sexual, religiosa, educação de trânsito, ecológica, científica, educação física e artística; ou a família se agrega a esse acosto ou os problemas não serão solucionadas, mas, penas maquiados.

“Para nós, adultos, a adolescência é vista como a melhor fase da vida. Anos de diversão, de descobertas, de irreverência. Avaliada como um evento passado parece exatamente assim. Poucos se lembram do outro lado de ser adolescente, da ânsia de ser adulto e independente lutando com o medo de crescer e perder os benefícios da infância. Da sensação de se olhar no espelho e não mais se reconhecer ou de olhar seus antigos amigos e pensar: "Não tenho nada a ver com eles!". A maioria de nós não se lembra disso”. (HERCOWITZ,2015)

“De fato a adolescência é uma fase marcante. É o momento de busca da identidade adulta, da personalidade, mas não deixa de ser sofrida. O mundo conhecido durante a primeira década de vida começa a desabar: seu corpo não é mais o mesmo e não há meios de modificar isso. Seus pais também não são mais os mesmos, aqueles heróis da infância se mostram como seres... normais! E a sociedade? Não acham mais bonitinho quando você derruba comida no chão ou um barulhinho escapa da sua boca na mesa de jantar”. (HERCOWITZ,2015)

Segundo Mario Sergio Cortella costuma dizer, o adolescente está “grávido” dele mesmo e tal como gravidez não é doença, adolescência também não é, mas ela tem distúrbio hormonal, tem dificuldade de humor, incapacidade de perceber o

que está em volta. Então o adolescente busca o “bem diferencial” para não se igualar à maioria e ter suas opiniões respeitadas e levadas a sério

“As alterações de humor da adolescência são resultado do seu dia a dia. Não, não é culpa dos hormônios, nem da noite mal dormida. Muito menos da fome provocada por um almoço de má qualidade. É claro que isso pode interferir, mas a causa principal é a experiência deste mundo novo”. (HERCOWITZ,2015)

“Diariamente o adolescente vivencia situações de conquista e de frustração e lidar com elas leva a uma oscilação de humor que, quando apresentadas em outra faixa etária, são consideradas patológicas. Mas para ele é construtivo. Imaginem um indivíduo na seguinte situação: adolescente de 15 anos vai fazer um teste para entrar no time de futebol do clube e consegue. Chega em casa e é parabenizado por todos. Seu amigo, que também passou no teste, liga para ele e o convida para comemorarem juntos na balada, mas seus pais não o deixam ir porque é aniversário da bisavó. Pronto, da sensação de euforia, de poder, ele passa para a frustração, afinal ele queria muito comemorar com seus amigos, mas a realidade o puxa de volta mostrando que faz parte de uma família e tem que honrar seus compromissos. E seus pais não estão errados, faz parte da sua obrigação colocar limites e passar seus valores. E lá vem mais uma onda de mau humor!” (HERCOWITZ,2015)

6. ORIGEM DOS CONFLITOS NAS ESCOLAS

Embora a escola seja um lugar de aprendizado e conhecimento, não exclui as coisas prejudiciais que também pode-se aprender na informalidade, por haver vários tipos de pessoas e comportamentos e todos estão sujeitos a adquirir coisas boas e ruins na transação dessas informações informais. Claro que o papel escolar é transmitir os conhecimentos didáticos, morais, políticos, sociais, e alguns até religiosos, mas nas entrelinhas se aprende muito além do que é colocado em pauta, nas escolas surgem conversas de relacionamento sexuais precoce; pequenos furtos de lápis, borrachas; mentiras sobre uma atividade não feita; inúmeras brigas, os motivos são diversos: o bullying, o lugar nos acentos, o objeto emprestado e não devolvido, a fila do lanche, o ciúmes de um professor com um aluno querido, um objeto escondido, o empurra na saída.

Vale alertar que, a marginalidade infelizmente se estende às crianças e aos adolescentes, pois são aqueles que ficam a margem da sociedade, esquecidos pelos governante e núcleos familiares e muitos estão sujeitos a essa triste realidade. Se pararmos para intensificar a relação que crianças e adolescente podem ter com qualquer pessoa é 80% maior que um adulto, sendo pelo poder de entretenimento, ou por ter o espírito desafiador.

Sendo que, crianças e adolescentes que frequentam as escolas trazem tudo que aprendem em casa e nas ruas, e geralmente alguns mecanismos de conflitos aparecem para somar com os já existentes: pequenos furtos, agressões verbais e físicas, vontades contrariadas, espírito de liderança inquestionável, gangues de jovens, competindo de quem é mais forte, mais bonito, quem manda na escola e outros.

Com a implantação da JR nas escolas como resolução de conflitos, além de aprender os valores essenciais, tornando-se mais toleráveis, amáveis, pacificadores, eles externalizam o que aprenderam, alcançando os que estão em volta, trabalhando a Justiça Restaurativa com seus amigos, familiares e pessoas da comunidade. O Crescimento está sendo tão abrangente, (digo sendo pois não é uma teoria) que está sendo adotado em várias escolas e outros lugares que também não deixa de ser um lugar de aprendizado.

No Pará, Rio Grande do Sul, Bahia, Brasília, Maranhão todos tem contato com as Práticas da JR. Só que nesse estados citados nem todos estão utilizando nas escolas, mas em núcleos de Práticas de Justiça Restaurativa como, por exemplo, no Maranhão em São José de Ribamar com as práticas e na Faculdade Pitágoras se estuda o assunto com pesquisadores científicos pelo Núcleo de Pesquisas de Justiça Restaurativa-NEJUR

7. MANIFESTAÇÃO DE VIOLENCIA NAS ESCOLAS

O espaço escolar é habitado por pessoas que se desconhecem e, portanto, se temem, a violência na escola é um produto. Especial da violência exercidas pelas estruturas econômicas e pelos mecanismos sociais de reprodução das desigualdades As relações das escolas com os grupos culturais que a compõe é marcada por uma violência simbólica do saber escolar

“Alunos desmotivados pelas perspectivas de desemprego. Visão negativa da escola. Responsabilidade social, punições individuais. Professores crispados pelas políticas educativas. São estas as principais causas da indisciplina e da violência nas escolas.” (LOBO,2008)

A violência é um ato irracional e desproporcional, mediante o qual o conflito seja uma resistência de ideias e opiniões, a violência é a consequência e a causa é o conflito. Nas escolas se manifestam as pessoas que possuem personalidade difícil de serem moldadas, com temperamentos fortes, e sem características de compreensão e arrependimento.

Para se manifestar a frustração de um desafeto, não necessariamente a pessoa precisa estar elencado ao um quase taxativo de motivos que levam à violência. Se um não condiz e não tem empatia pelo outro, esse que está sendo a vítima da discriminação pode acabar sendo vítima de outros tipos de violência, pois ela se desencadeia em várias ações que possam atingir a vítima.

Embora sendo, a discriminação racial, a obesidade, as deficiências, a acidez em aprendizado, a cultura e ou região, que levam aos maiores casos de violência. Existem outros que se configuram de forma tão trivial, mas que pode levar a sérios problemas e custar algumas vezes até a própria vida.

Os jovens querem se diferenciar, não se tornar iguais, procurar deixar a sua marca, mas por outro lado, não entende as diferenças limitações, e não compreendem de uma outra visão panorâmica a realidade que outros jovens e adultos possam ter.

8. RELAÇÃO ENTRE OS CÍRCULOS RESTAURATIVOS E OS CONFLITOS ESCOLARES E SEUS RESULTADOS

Como já explanado os Círculos Restaurativos são um desdobramento da Justiça Restaurativa eles serem praticados nas práticas da JR, na resolução de conflitos, e como já também conceituado que a escola é um lugar de muitas causas conflitantes a serem resolvidas.

“Dominic Barter desenvolveu os Círculos Restaurativos, uma prática específica de restauração, criada no Rio de Janeiro em meados dos anos 90 para ajudar a reduzir o nível de violência nas favelas. Depois de resultados de sucesso, a abordagem começou a ser utilizada em várias situações”. (SASAGAWA.2012)

“O Círculo Restaurativo coloca o aluno no centro da decisão, criando um espaço seguro onde ele pode se expressar”, diz Jean Schmitz, conselheiro e promotor dos direitos da criança do Instituto Latino Americano de Práticas Restaurativas”. (SASAGAWA.2012)

“Segundo ele, esse modelo proativo e preventivo já mostrou ótimos resultados em uma série de escolas em Lima no Peru. “Sempre dou o exemplo da escola pública Ramon Espinosa, porque o sucesso foi

realmente incrível. O colégio é situado em um bairro muito violento, onde grande parte dos adolescentes se torna criminosos. Mesmo assim, apenas alguns meses foram suficientes para alunos e professores notar a diferença no ambiente de estudo". (SASAGAWA.2012)

"No Brasil a técnica vem sendo experimentada em algumas escolas. Um estudo de caso, conduzido pela PUCPR, analisou o efeito dos círculos em relação ao bullying em três escolas em Porto Alegre – privada, municipal e estadual. Em todos os casos os resultados apresentaram melhorias. "A gente fala sobre os nossos sentimentos, inclusive. E também, aí a gente chega num acordo né? E resolvemos como vai ser daí em diante o procedimento da criança dentro da sala de aula, como que ela vai se comprometer a fazer as coisas dentro da sala de aula", disse um aluno da 5ª série de uma das escolas" (SASAGAWA.2012)

CONCLUSÃO

Visto que, há uma grande responsabilidade da escola aos que fazem parte de toda a sua estrutura, tanto alunos e professores, como outros profissionais que fazem parte do quadro escolar, a comunidade e a família.

Podendo a escola se utilizar de vários mecanismos para se estabelecer um ambiente harmonioso e ingressando literalmente às questões comunitárias, podendo exercer programas de governo voltado para artes, música, esporte e outros, saindo do ensino regular e adentrando no ensino integral como é o exemplo da escola de Belo Horizonte.

Meios como esse citados acima, fazem parte de estratégias de bom relacionamento. E para fixar a segurança dos envolvidos e trabalhar não apenas na parte didática e criativa, mas na parte comportamental e psicologia os Círculos Restaurativos que é o diferencial que deve ser inseridos em todas as escolas de todos os ensinos.

REFERÊNCIAS

Pinho, Rafael Gonçalves de, Justiça Restaurativa: um novo conceito. Revista Eletrônica de Direito Processual, Volume III. Arcos –Informações www.arcos.org.br/>...>Volumelll

CNJ, Justiça Restaurativa: o que é e como funciona www.cnj.jus.br/>Notícias>CNJ

BARTER, Dominic, Justiça Restaurativa_CNVBrasil_CECI

JUSTIÇA 21, Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz- Porto Alegre

Justiça em Círculos- Bernades e Yazdeck, *tony marshall-1996*

ALMEIDA, Tania. Justiça restaurativa e Mediação de Conflitos
www.mediare.com.br/08artigos_06justi_restaurativa.html

Justiça e Mediação de Conflitos
www.crianca.mppr.mp.br/aquirvo/file/...jr_mediacao_de_conflitos.pdf

BESSA, Ana Carolina Coelho. Fortaleza- CE. Agosto 2008- Justiça Restaurativa e Mediação para o adolescente em conflito com a lei no Brasil.
www.mpce.mp.br/...justica.restaurativa.para.adolescentes.pdf

ZEHR, Howard. Chaging lenses. *Anews focus crimes and justice*. Ssorttdale, P.A: Herald Press, 1990.

BRANCHER, Leoberto. Iniciação em Justiça Restaurativa- Subsídios de Práticas Restaurativas para a transformação de conflitos. Porto Alegre: AJURIS, 2006

Justiça Restaurativa com adolescente em conflito com a lei

PRANIS,2010,Terres de Homens

SOUSA, Asiel Henrique. Explica como Funciona Justiça Restaurativa. Uncho.Info. 24 de Novembro de 2014.
<http://uchodev1.tempsite.ws/uchoinf/secao/em-foco/page/39>

MEIRELLES, Cristina Telles Assumpção. 07 de Novembro de 2014.
<http://www.educacao.sp.gov.br/spec/wp-content/uploads/2013/02/Justi%C3%A7a-Restaurativa-como-um-m%C3%A9todo-de-resolu%C3%A7%C3%A3o-de-conflitos-Cristina-Meirelles.pdf>

HERCOWITZ, Andreia mudanças de humor na adolescências são apenas culpa dos hormônios. Publicado e atualizado em 08 de Junho de 2015
<http://www.minhavidade.com.br/familia/materias/17636-mudancas-de-humor-na-adolescencia-nao-sao- apenas-culpa-dos-hormonios>

Entrevista com Mario Sergio Cortella: Educar. Grupo Pedagógico Aprendiz. 2007 para Transformar
http://www.nucleopedagogicoaprendiz.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=88:-entrevista-com-mario-sergio-cortella-educar-para-transformar&catid=1: novidades

SASAGAWA, Emi. Um novo método para lidar com conflitos na escola. ESCOLAS BUSCAM NOVOS MEIOS DE RESOLVER CONFLITOS DE FORMA NÃO VIOLENTA E NÃO PUNITIVA. 09 de agosto de 2012.
<http://asboasnovas.com/gente/um-novo-metodo-para-lidar-com-conflitos-na-escola>